

Solidão e exílio em si-mesmo: Na terra de ninguém, Ernani Reichmann (1920-1984)

Gilvani Alves de Araujo
PPGHIS/UFPR
gilvani.his@gmail.com

A relação solidão e exílio

“Viverei solitário, custe o que custar. É uma decisão. Meus livros viverão solitários como vivi, sem um campo definido onde se situar. É duro não ser como os outros, não viver como os outros, não limitar a vida como os outros. [...] Mas isso dói, dói demais” (REICHMANN, 2006, p. 32).

“Preciso esclarecer alguns pontos preliminares. O primeiro é que o exílio, enquanto condição real, é também para meus objetivos uma condição metafórica” (SAID, 2005, 722).

A solidão e o exílio não são temas novos em meu percurso de trabalho, e sei que também não é novidade relacioná-los entre si, como se houvesse uma conexão inevitável entre estes termos e as realidades que descrevem. A solidão surgiu primeiro, na verdade, muito antes de cogitar que no campo da história pudesse haver um debate tão profícuo e que englobasse premissas aparentemente discordantes como intersubjetividade, pluralidade, racionalidade[s] e sentimentos, como posso relatar de meu lugar de fala, de meu lugar de pesquisador.¹ Essa noção ou sentimento percorre todos os escritos de meu interlocutor, Ernani Corrêa Reichmann, como uma corrente elétrica que distribui energia e em muitos casos permite iluminar relacionamentos. Apresentarei Reichmann um pouco mais à frente, neste momento cumpre justificar os motivos que me aproximaram do tema do exílio – e claramente, pode ser que minha argumentação demonstre uma falsa apropriação, neste caso peço ao leitor que não permita que prossiga sem ponderar as suas objeções.

¹ Quero expressar minha gratidão pela linha que acolheu minha agenda de pesquisa junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná, a linha Intersubjetividade e Pluralidade: Reflexão e Sentimentos na História. Por meio de minha orientadora, a Prof. Dra. Roseli Boschilia, primeiro me abriu as portas para um recomeço – meu exílio na história, vindo da filosofia – e junto a mim dois interlocutores do passado: do passado distante, o dinamarquês Søren Kierkegaard; e, do passado próximo, o gaúcho-paranaense Ernani Reichmann. Escrevo minha tese de doutoramento, financiada pela CAPES, diretamente sobre o segundo e indiretamente sobre o primeiro; afinal, é impensável escapar de uma *Histoire Croisée* entre Brasil e Dinamarca, quando refletimos sobre esses dois enigmáticos pensadores.

Edward Said diz que “o exílio nos compele estranhamente a pensar sobre ele, mas é terrível de experienciar” (2003, 735), admito sentir essa atração pela sua complexidade, mas ao mesmo tempo é inegável reconhecer a fragilidade dessas experiências e seus limites. Assim, argumentarei que, em alguns indivíduos, as pressões externas – por mais que contribuam para as migrações (e que de maneira chave Paul Ilie define como “exílio territorial”), haverá casos em que o “exílio residencial ou interior” demarcará a difícil condição de quem ficará. Por outro lado, demonstram “um desejo de ser reconhecidos como irmãos espirituais dos emigrados” (cf. 1981a e 1981b). Minha hipótese é que Reichmann é representante de um tipo de exílio interior auto-imposto por meio da solidão existencial. Um exílio interior singular, que se estabelece a partir de um percurso próprio.

Em consequência, como o isolamento em si pode ser encarado como escolha consciente do indivíduo frente à vida cotidiana? Ainda que não tenha operado uma ruptura tão radical igual a do exilado territorial, argumentarei que Reichmann exhibe através de sua “morfologia interna, a dimensão psicomoral de um emigrado” (ILIE, 1981a, p. 8). É por esta razão que, em uma parte do argumento, farei a análise de duas cartas trocadas entre Ernani Reichmann e seu amigo, confidente e alter-ego, Clementino Schiavon Puppi. Na outra parte apresentarei elementos indiciários presentes em alguns escritos de Ernani Reichmann, pois intento mostrar que autosolidão e o exílio em si-mesmo podem ser escolhas, ainda que auto-impostas, ressignificadas de maneira singular. Só então me servirei das visões que o exílio encerra.

Carta a Carlos Galvez

“Foi preciso que muito tempo transcorresse antes que eu pudesse escrever. Antes que aquilo que eu esperava deixasse de ser um estado para se tornar apenas alguns momentos isolados, fragmentos dispersos em meu mundo interior” (REICHMANN, 1963, p. 425).

Ernani Corrêa Reichmann, brasileiro, nascido em 1920 ao sul do país, Rio Grande do Sul – mais especificamente em Passo Fundo, ascendente de uma família judia-alemã que migrou durante o século XIX segmentadamente. Reichmann, em uma carta de 1962, nos conta que “nascido no Boqueirão” em uma casinha que pertencia a “Dona Leonor (minha avó)” exercia um verdadeiro fascínio sobre ele, não por ter nascido nela ou ter morado, algo além disso, a casa era simbolicamente sua *origem*. “Desta casinha, com duas janelas na frente e um portão ao lado, mal completara um ano de idade, fui com meus pais para Erechim”, narra ele.

Em Erechim Ernani viveu doze anos, “o que significa: [que] todas as experiências da infância tiveram lugar em Erechim” (REICHMANN, 1963, p. 427).

“Embora passando por um menino inteligente”, nos conta que essa fama se deve ao talento que tinha para a análise combinatória cujo único concorrente era Armando Mueller. Todavia, relata que a única coisa que levou para o Internato foi sua “tristeza permanente (como tonalidade afetiva predominante) e o anárquico de minha conduta, que permanece como meu traço essencial até hoje”. E “assim decorreu exteriormente o meu tempo: os cinco anos de Internato. Normalmente triste (tristeza que se refletia em quase tudo) e anárquico em minhas relações com os outros” (REICHMANN, 1963, p. 428).

Ernani, vulgo “‘alemãozinho magrinho’ que viera de Erechim”, sentia-se isolado, por isso triste e anárquico. A tristeza era sua tonalidade preponderante e quando associada ao modo anárquico de ser, conduzia-o a reconhecer sua condição de isolamento e exclusão, no fundo queria um amigo. Mas ao mesmo tempo que evidencia em sua carta uma condição coercitiva, Ernani afirma outra premissa que ressignifica a sua condição imposta pelo exterior: “Minha tristeza (ou melancolia, como v. quiser) tinha profundidade. Eu sentia que era o melhor de mim mesmo, que era necessário mantê-la, que só dava sentido à minha vida” (REICHMANN, 1963, p. 430). Assim, Ernani deixa a posição passiva que o vitima das condições exteriores e identifica um polo redentor. Sua tristeza é uma profunda melancolia que dá sentido e densidade à sua vida.

Reichmann dá um salto temporal: “mais algum tempo e vim para Curitiba, desertando do campo da luta”. O campo de luta, o conflito, eram todos evitáveis. O inevitável era reconhecer as rupturas e as rachaduras, Ernani não encontra a mesma continuidade que o interlocutor de sua carta havia achado. Carlos Galvez para Ernani é um arquétipo pois “está bem ancorado no real”, mas reconhece que isso se justifica “pelo fato de ter superado certas limitações sociais e de ter simultaneamente erguido a cidade para que ela possa ficar mais perto de v. (existencialmente falando)” (REICHMANN, 1963, p. 437), algo que Ernani não havia conseguido fazer.

“Foi quando conheci o Puppi (Clementino Schiavon Puppi)” ao migrar para Curitiba por volta de 1941, personagem que assumirá uma importância fundamental para a história de Reichmann. Puppi (1919-1985) um paranaense, natural de Campo Largo, de família tradicional e italiana. Estudou Direito com Ernani na UFPR e depois seguiu carreira como advogado, juiz e desembargador. O primeiro encontro é descrito por Ernani: “no primeiro instante, causei-lhe repulsão. É que ele sentira o anárquico que havia em mim. Porém, ao nos encontrarmos, num dos momentos em que a melancolia tinha assumido o primeiro plano, ficamos amigos”. Admite

que a amizade de Puppi foi fundamental, afinal “foi quando a minha tristeza pode desenvolver-se no bom sentido (auxiliada sempre pelo Puppi)” (REICHMANN, 1963, p. 430). Na próxima seção retomarei as impressões deste primeiro contato e seus desdobramentos, não mais pela ótica de Reichmann, mas sim pela voz de Puppi.

Em seguida Ernani passa a listar as transformações que passou nos anos seguintes sua vida: o casamento com Annie Tempel,² a superação do passado,³ a vida pública,⁴ “e estudei e escrevi. Mas não era e não sou pensador: essa toda a verdade sobre mim” (REICHMANN, 1963, p. 432). A verdade para a qual se pode viver não é exterior, ainda que o casamento, os dilemas do passado e a vida política tenham um lugar destacado, veremos que a maior transformação que Ernani vai realizar em si é a de “subjugar sua angústia”. Se externamente a presença e a imagem de Puppi são âncoras para sublimar a tristeza e o anárquico, veremos que o encontro com o pensador dinamarquês Søren Kierkegaard será determinante para sua vida interior. Evidências para este ponto não faltam, Reichmann vai ser um dos primeiros brasileiros a ler e traduzir a obra deste cavaleiro da fé. Consecutivamente neste contexto, fica patente que as mudanças em sua vida não são apenas na esfera pública: “de minha parte transformei-me (talvez no que concerne a meu mundo interior)” (REICHMANN, 1963, p. 438).

Ler a trajetória de Ernani Reichmann do ponto de vista exterior, implicaria reconhecer nele um homem público comum. Formou-se em direito e economia, se casou e teve duas filhas, no Rio Grande foi deputado, retornou a Curitiba e aqui atuou em alguns governos, foi durante muito tempo professor da UFPR, e entres idas e vindas sempre esteve a disposição ora do Estado, ora da Universidade. Acumulou convites, títulos e cargos, todos com encargos a sua saúde e a sua liberdade. E, ainda que seja irônico, alguns anos mais tarde, ao escrever para a filha sobre seu programa de vida para os anos posteriores a 1972, reconhece que afastar-se da vida externa não é nada fácil por conta da vaidade:

Não, não pensem que isso será fácil para mim. Sou muito exterioridade, sou leviano demais. Sinceramente eu gosto de conviver, conversar sobre política, sobre tolices, de armar meus esquemas, de julgar os outros, de cantar o hino nacional (será cantado hoje na Praça Tiradentes por milhares de pessoas – início das comemorações do sesquicentenário da independência: 1822-1972), de vibrar com as vitórias do Brasil nos campeonatos do mundo, de ser considerado um grande homem, um grande

² “Eu tinha casado: era a compreensão terrível sobre o anárquico. A tristeza (se ainda vivia em minha fase estética) começou também a particularizar-se, a formar ilhas, talvez um verdadeiro arquipélago. Minhas cartas ao Puppi (folhas Azuis) dão conta do meu estado nessa época” (REICHMANN, 1963, p. 431).

³ “Incendiado o passado, mais tarde, isto é, a cidade das lembranças (causa principal de minha melancolia), enquanto homem tive de viver o presente. O anárquico transformou-se num traço de ironia e a tristeza concentrando-se, permitiu os apontamentos transformados em livros” (REICHMANN, 1963, p. 431).

⁴ “Entrementes, eu tinha sido deputado no Rio Grande do Sul. Conheci alguns homens de real valor, aprendendo a dominar (pobre de mim!) e dominar-me, o que é essencial. Em Curitiba, novamente, participei do governo do Sr. Munhoz da Rocha, que completou em minha vida o exemplo de meu pai” (REICHMANN, 1963, p. 431-2).

aventureiro do pensamento, das ideias, etc., de me mostrar de me exibir (como se eu fosse um mocinho de cinema) esquecido que sou “horroroso” (como dizia o Benedito), mas esquecido também que tenho um mundo dentro de mim e que só esse mundo é que realmente vale... A esse mundo é que deverei me dedicar daqui para frente” (REICHMANN, 2016, p. 55).

A solidão de Ernani Reichmann

“Não vou negar a má-consciência com que abordo o tema. Desta solidão em que se situa Ernani Reichmann há uma parcela de culpa, que me cabe e de que não vou discutir o tamanho” (REICHMANN, 1980, p. 429).

A carta de Puppi é da década de 1970, não temos como precisar sua cronologia, apenas que Ernani a editou no fim de um de seus escritos, a *Ilustração Imprópria, Terminal* (1980). O trecho citado não deixa dúvidas, corrobora a declaração de Ernani sobre a influência deste seu amigo na sublimação da tristeza. Mas como explicar a relação entre tristeza e solidão, se a primeira é sentida, a segunda se manifesta pela sua condição espacial. De muitas maneiras podemos ter a tristeza sublimada de forma mais benéfica por meio da solidão. Neste caso a solidão é uma escolha, não uma imposição, por outro lado a tristeza, não. Logo, a confissão de Puppi apesar de lhe causar “má-consciência” foi positivamente benéfica ao amigo que pode reconhecer na carta a Carlos Galvez os primeiros benefícios de sua terapêutica.

“Mas vejo o Ernani em busca da solidão desde que o encontrei, desde 1941”, afirma Clementino, logo “no início do curso que ambos fizemos na Faculdade de Direito”. Essa solidão ensejada tinha um elemento anárquico, que Ernani denominava “disponibilidades” e se definia como uma decisão de se libertar dos compromissos, das amarras, da destinação. Segundo Clementino, ele (Ernani) “queria ser senhor do tempo, do seu tempo pessoal, pronto para a aventura, para as descobertas e também para as rupturas” (REICHMANN, 1980, p. 429).

Puppi atribui a permanência de Reichmann no “sortilégio” de Curitiba a forças maiores, ao casamento e aliás “surpreendentemente, Ernani Reichmann concluiu o curso de Direito. E mais, conclui-o já casado”, enfatiza. “Paradoxalmente”, revela-nos Puppi que “é então que começa a se definir a busca dessa solidão, que iria se acentuar e se tornar uma constante. Bem casado estava e está até hoje, o que desvincula essa busca da solidão de qualquer nota comum com o que de imediato nos acode como sendo a solidão (REICHMANN, 1980, p. 430). São muitas as passagens em que Ernani diz que o casamento com Annie trouxe para ele a disciplina de escritor, entre elas acho particularmente interessante a que se enuncia em 1967, em uma auto-entrevista ele responde a um entrevistador imaginário (ele mesmo) que o indaga: “ – De onde tirou a disciplina para escrever?” e responde seguramente, “ – Do casamento” mas não

sem justificar: “Antes de me casar, não passei de notas, apontamentos, pequenas coisas, em suma. A disciplina que o casamento impôs à minha vida, em certo sentido, valeu também neste caso” (REICHMANN, 1967, p. 244). Assim fica mais evidente porque Puppi diz que foi graças a Providência que Reichmann tenha terminado seu curso e casado. O casamento é um tema delicado para ser analisado, aqui não temos espaço para dar conta de uma instituição tão complexa, principalmente porque a maior influência existencial de Ernani foi Kierkegaard, um homem que rompeu seu noivado a dias de se casar para encontrar se a si-mesmo e assim permaneceu até a morte, na solidão e melancólico. Logo, não é um assunto que se esgota, afinal dá origem a toda uma ética matrimonial em Kierkegaard e uma condição benéfica de limitação para Reichmann – são coisas próximas, mas vivencialmente diferentes para os dois.

Clementino também pensa na trajetória do amigo com grande espanto, Reichmann “foi empresário, funcionário público, professor universitário, político, em suma, passou pela experiência absorvedora e pela tentação da diluição pessoal que essa exteriorização de energia, com sua carga de emoção, pode comportar”. Mas não para por aí, completa: “imagine-se um **anacoreta** a dirigir indústria, ou a fazer concurso para catedrático, ou a fazer discurso na Assembleia Estadual do Rio Grande do Sul, ou a trabalhar no Palácio Iguazu, ou no Codesul: – é um modo de se ver o Reichmann”. Comenta Puppi que todas as conquistas exteriores que, para uma vida comum seriam a totalidade de uma volumosa biografia, no caso de seu amigo tudo foi “acessório”: “o principal era uma imutável fidelidade a si mesmo” (REICHMANN, 1980, p. 430).

Ao me encaminhar para o fim, percebo que muitas coisas poderiam ainda ser ditas, refletidas e analisadas. Cabe reforçar o argumento sobre a condição exterior trazendo à luz primeiro a inegável assimetria que surge entre ipseidade e mesmidade (para fazer uso destes termos como Paul Ricoeur os concebe). Logo, se a identidade-idem se associa a um homem cheio de realizações, que aparentemente teriam preenchido toda uma vida, a identidade-ipse se fortalece no exílio interior que a solidão propicia. Isso fica evidente quando Clementino diz que:

Na finalidade a si mesmo, houve a fase da luta contra as máscaras, essas máscaras que a vida e o mundo vão afivelando ao rosto de quem está desempenhando papéis maiores ou menores no grupo em que gravita. Era possível ouvi-lo dizer: “dissimulação, muita dissimulação”. Era uma tirada, mas corresponde ao domínio da situação, que sempre procurou ter, para que eventuais acomodações a circunstâncias não o marcassem, ou melhor, não o mascarassem (REICHMANN, 1980, p. 431).

O repúdio às máscaras é sua maneira de se voltar para o que é mais importante: seu mundo interior e a fidelidade a si-mesmo, poderíamos dizer sua maneira de ser (ipse-alteridade). Encerro com a voz de Puppi:

No salmo 68, há um versículo: “Tornei-me um estranho para meus irmãos, um desconhecido para os filhos de minha mãe”. E me parece que foi o que aconteceu ao Reichmann, ao definir a sua maneira de ser. Não sei se estou traindo o seu pensamento, que mal tenho acompanhado, no que respeita à conceituação da maneira de ser. Mas em um mundo em que todos se traem e se acomodam, a fidelidade a si mesmo, a identificação com a maneira de ser própria e original, conduz à **estraneidade**. É a aura da solidão (REICHMANN, 1980, p. 432, negrito meu).

Algumas considerações

“A moderna cultura ocidental é, em larga medida, obra de exilados, emigrantes, refugiados” (SAID, 2003, 742).

“Ver um poeta no exílio — ao contrário de ler a poesia do exílio — é ver as antinomias do exílio encarnadas e suportadas com uma intensidade sem par” (SAID, 2003, 762).

As expressões como “viver uma vida autêntica” e “ser fiel a si-mesmo” implicam desafios interpretativos que superam as fronteiras do presente e, por que não, da própria contemporaneidade. Porém não é preciso ir além, a análise que propomos não é prospectiva, mas se posiciona retrospectivamente. Nos obriga a viajar para uma terra que não é mais nossa ou nunca, verdadeiramente, nos pertenceu. Precisamos de um quadro de referência estabelecido ou, excludentemente, ousar criar um sistema de coordenadas próprias para que tais expressões tenham sentido. No primeiro caso, nos submetemos a normatividade e aos imperativos socialmente partilhados, mas no segundo caso, fundamos um “espaço” para ter nele “lugar” — por isso, considerarei os espaço como “lugar praticado” (cf. CERTEAU, 2014, p. 184).

Ao privilegiar os significados que uma sociedade impõe como autênticos ao ser humano, estamos nos submetendo a um sistema de valores partilhados e ainda que não reconheçamos sua validade, não restam muitas escolhas. O campo de possibilidades se achará estreitado e isso implicará um desafio a fidelidade para consigo. Assim, viver diferentemente dos demais implicará rupturas, fraturas; por isso Said nos diz que “o exílio, ao contrário do nacionalismo, é fundamentalmente um estado de ser descontínuo”, pois “os exilados estão separados das raízes, da terra natal, do passado” (SAID, 2003, 815). Algo similar é vivenciado por Reichmann, nos lembra Puppi ao comentar uma das maiores obras do amigo, em Ernesto, o Progresso e o

Nada (1953), “o Reichmann expressou ali a paixão por Erechim, do homem que perde a sua cidade, que perde o motivo do regresso e, despojado de rumo, é impelido para fora” – ou para fora e para dentro de si (REICHMANN, 1980, p. 430).

São duas as modalidades de exílio que podemos conceber nesta hipótese,⁵ aquele que foi escolhido ou imposto – mas em ambos os casos são as condições coercitivas, sejam elas sociais, políticas ou econômicas, que motivam ou banem para fora o indivíduo, por isso “às vezes, o exílio é melhor do que ficar para trás ou não sair: mas somente às vezes”. A incerteza acompanhará ambos os indivíduos, ainda que a sensação de liberdade prevaleça no primeiro,

Porque nada é seguro. O exílio é uma condição ciumenta. O que você consegue é exatamente o que você não tem vontade de compartilhar, e é ao traçar linhas ao seu redor e ao redor de seus compatriotas que os aspectos menos atraentes de estar no exílio emergem: um sentimento exagerado de solidariedade de grupo e uma hostilidade exaltada em relação aos de fora do grupo, mesmo aqueles que podem, na verdade, estar na mesma situação que você (SAID, 2003, 827).

Achar o equilíbrio entre a solidariedade e a hostilidade é um exercício, principalmente, diante das realidades que o exilado vai enfrentar em terras estrangeiras. Fica evidente o que Reichmann tentou encontrar em Carlos Galvez e não achou, bem como o que conquistou com a amizade sincera e franca de Clementino Puppi. Em resumo, gostaria de retornar a ótica já esboçada acima, me refiro à relação que o exilado mantinha com os valores e os acontecimentos

⁵ Said em seu texto *Reflexões sobre o exílio* (2003) nos mostra um campo de possibilidades históricas maior, i é, “embora seja verdade que toda pessoa impedida de voltar para casa é um exilado, é possível fazer algumas distinções entre exilados, refugiados, expatriados e emigrados. O exílio tem origem na velha prática do banimento. Uma vez banido, o exilado leva uma vida anômala e infeliz, com o estigma de ser um forasteiro. Por outro lado, os refugiados são uma criação do Estado do século XX. A palavra “refugiado” tornou-se política: ela sugere grandes rebanhos de gente inocente e desorientada que precisa de ajuda internacional urgente, ao passo que o termo “exilado”, creio eu, traz consigo um toque de solidão e espiritualidade. Os expatriados moram voluntariamente em outro país, geralmente por motivos pessoais ou sociais. Hemingway e Fitzgerald não foram obrigados a viver na França. Eles podem sentir a mesma solidão e alienação do exilado, mas não sofrem com suas rígidas interdições. Os emigrados gozam de uma situação ambígua. Do ponto de vista técnico, trata-se de alguém que emigra para um outro país. Claro, há sempre uma possibilidade de escolha, quando se trata de emigrar. Funcionários coloniais, missionários, assessores técnicos, mercenários e conselheiros militares podem, em certo sentido, viver em exílio, mas não foram banidos. Os colonos brancos na África, em partes da Ásia e na Austrália podem ter sido inicialmente exilados, mas, em sua qualidade de pioneiros e construtores de uma nação, perderam o rótulo de “exilado”. Grande parte da vida de um exilado é ocupada em compensar a perda desorientadora, criando um novo mundo para governar. Não surpreende que tantos exilados sejam romancistas, jogadores de xadrez, ativistas políticos e intelectuais. Essas ocupações exigem um investimento mínimo em objetos e dão um grande valor à mobilidade e à perícia. O novo mundo do exilado é logicamente artificial e sua irre realidade se parece com a ficção. Georg Lukács, na Teoria do romance, sustentou de modo convincente que o romance, forma literária criada a partir da irre realidade da ambição e da fantasia, é a forma da “ausência de uma pátria transcendental”. De acordo com o teórico húngaro, as epopeias clássicas emanam de culturas estabelecidas em que os valores são claros, as identidades estáveis, a vida imutável. O romance europeu baseia-se exatamente na experiência oposta, a de uma sociedade em mudança na qual um herói de classe média, itinerante e deserdado, busca construir um mundo novo que de alguma forma se pareça com o antigo, deixado para trás para sempre. Na epopeia não há outro mundo, somente a finalidade de nosso mundo. Ulisses retorna a Ítaca após anos de errância. Aquiles morrerá porque não pode escapar de seu destino. O romance, no entanto, existe porque outros mundos podem existir — alternativas para especuladores burgueses, errantes, exilados” (SAID, 2003, 888).

em sua terra natal. Há uma deriva semântica inegável, “O *páthos* do exílio está na perda de contato com a solidez e a satisfação da terra”, por isso, “voltar para o lar está fora de questão” (SAID, 2003, 859).

Retomando dois conceitos destacados anteriormente, quero chamar a atenção para eles: anacoreta e estraneidade. Suas grafias não são comuns, Clementino as usa para indicar a forma que a solidão de seu amigo assume, ou seja, um *anacoreta* é um tipo de monge e por sua vez a *estraneidade* é um regime jurídico daquele que se encontra forâneo (estrangeiro) no espaço em que está. Daí metodologicamente encontrar sentido para defender que a condição de Ernani Reichmann é a de um “exilado interior” em uma terra de ninguém. Fato evidente pela sua autobiografia diversificada, de formas e vozes. Confessa Reichmann mais uma vez ao amigo de toda a vida:

Vim até aqui, como sabes, numa terra de ninguém entre a literatura e a filosofia. Com o passar do tempo, aconteceu que estas (literatura e filosofia), desaparecendo de minhas preocupações, a terra de ninguém começou a deixar de ser. Só pode haver terra de ninguém quando os limites são bem precisos, bem determinados. De um lado, as trincheiras, os soldados, graduados, oficiais e armas da literatura. De outro, o mesmo, mas da filosofia. É obvio que a literatura e a filosofia existem independente de mim. Mas, somente ocupando-me delas, de todas as maneiras possíveis, poderia dar contorno à terra de ninguém ou, se quiseses, manter esse contorno. Esqueci-me que elas existiam (e existem). Minha terra de ninguém ganhou em extensão, mas perdeu em profundidade. Compreendi, assim, que, quanto mais me ocupar da literatura e da filosofia, mais estreita ficará minha terra de ninguém. Está virá a perder muito em extensão, mas ganhará, estou certo, em profundidade” (REICHMANN, 1967, p. 136).

Fontes

REICHMANN, Ernani. **Hic Fuit**: Carta de Ernani Corrêa Reichmann a Clementino Schiavon Puppi e em anexo Carta a meu Pai de van Neutgen. Curitiba: Edição do Autor, 1953. 205 pp.

_____. **Intermezzo Lírico-Filosófico, 7ª Parte** – Kierkegaardiana e Carta a Carlos Galvez. Curitiba: Edição do Autor, 1963. 447 pp.

_____. **Volta às Origens**. Curitiba: Edições ER, 1967. 255 pp.

_____. **Ilustração Imprópria, Terminal**. Curitiba: Edição do Autor, 1980. 437 pp.

_____. **Projeto de Salvação**. Curitiba: Artes e Textos, 2006. [Edição Post-mortem, pela filha Brunilda Tempel Reichmann]. 661 pp.

Referências

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. 22 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

ILIE, Paul. **Literatura y exilio interior**: escritores y sociedad en la España franquista. Madrid: Fundamentos, 1981a.

_____. **Entrevista com Enriqueta Antolin**: Paul Ilie analisa la literatura española del “exilio interior”. El País, sábado, 20 de junio de 1981b.

RICOUER, Paul. **O si-mesmo como outro**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

SAID, Edward W. **Reflexões sobre o exílio**: e outros ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2003 [Versão Kindle].

_____. **Representações do intelectual**: as Conferências Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005 [Versão Kindle].

_____. **Humanismo e crítica democrática**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007 [Versão Kindle].